

FICHA TÉCNICA

Título: *Ler a Bíblia no Século XXI*

Autor: *Pe. Joaquim Carreira das Neves*

Copyright © by Joaquim Carreira das Neves e Editorial Presença, Lisboa, 2016

Revisão literária: *Noémia Lopes*

Revisão de texto: *Helena Romão/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, outubro, 2016

Depósito legal n.º 415 506/16

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

ABREVIATURAS DOS LIVROS DA BÍBLIA CANÓNICA	11
PREFÁCIO	13
ABERTURA	17

PRIMEIRA PARTE — Cânone Bíblico

Cânone do Antigo Testamento	24
Cânone do Novo Testamento	49
Entre o Antigo e o Novo Testamento	51
A Septuaginta	54
A Descoberta dos Textos de Qumran	60
Texto Massorético	70
Regressando ao Cânone do Novo Testamento	71
Gnosis — Gnosticismo	89
Apócrifos	102

SEGUNDA PARTE — Em Demanda do Monoteísmo

De Abraão a Jesus de Nazaré.....	112
Do Mito à História	115

Abraão	123
Monoteísmo	128
Salmos	132
Cântico dos Cânticos	137
Profetas	141
O Profeta Isaías	146
Oseias e a Misericórdia	156
O Drama de Job	158
Livro da Sabedoria	164

TERCEIRA PARTE — Introdução ao Novo Testamento

São Paulo	169
Carta aos Romanos e Lutero	188
Jesus nos Evangelhos: História e Fé	208
Evangelhos da Infância.....	215
Reino de Deus.....	222
Parábolas.....	226
Milagres de Jesus.....	230
Fonte <i>Quelle</i>	234
Evangelho de João.....	240
Livro do Apocalipse	249

ABREVIATURAS DOS LIVROS DA BÍBLIA CANÓNICA

Ab Abdias	Jn Jonas
At Atos dos Apóstolos	Jo Evangelho de João
Ag Ageu	1Jo Primeira Carta de João
Am Amós	2Jo Segunda Carta de João
Ap Apocalipse	3Jo Terceira Carta de João
Br Baruc	Jr Jeremias
Cl Carta aos Colossenses	Js Josué
1Cor Primeira Carta aos Coríntios	Jz Juízes
2Cor Segunda Carta aos Coríntios	Lc Evangelho de Lucas
1Cr Primeiro Livro das Crónicas	Lm Lamentações
2Cr Segundo Livro das Crónicas	Lv Levítico
Ct Cântico dos Cânticos	1Mac Primeiro Livro dos Macabeus
Dn Daniel	2Mac Segundo Livro dos Macabeus
Dt Deuterónimo	Mc Evangelho de Marcos
Ecl Eclesiastes (Qohélet)	Ml Malaquias
Ef Carta aos Efésios	Mq Miqueias
Esd Esdras	Mt Evangelho de Mateus
Est Ester	Na Naum
Ex Êxodo	Ne Neemias
Ez Ezequiel	Nm Números
Fl Carta aos Filipenses	Os Oseias
Fln Carta a Filémon	1Pd Primeira Carta de Pedro
Gl Carta aos Gálatas	2Pd Segunda Carta de Pedro
Gn Génesis	Pr Provérbios
Hab Habacuc	Rm Carta aos Romanos
Hb Carta aos Hebreus	1Rs Primeiro Livro dos Reis
Is Isaías	2Rs Segundo Livro dos Reis
Jb Job	Rt Rute
Jd Carta de Judas	Sb Sabedoria
Jdt Judite	Sf Sofonias
Jl Joel	Sir Ben Sira (Siracides)

Sl Salmos
1Sm 1Samuel
2Sm 2Samuel
Tb Tobias
Tg Carta de Tiago
1Tm Primeira Carta de Timóteo
2Tm Segunda Carta de Timóteo
1Ts Primeira Carta aos
Tessalonicenses
2Ts Segunda Carta aos
Tessalonicenses
Tt Carta a Tito
Zc Zacarias

Outras Abreviaturas

a. C. antes de Cristo
d. C. depois de Cristo
AT Antigo Testamento
Ca *circa* (aproximadamente)
Dtr escritor ou escola
deuteronomista
NT Novo Testamento
Par. paralelos bíblicos
passim muitas referências ao tema
em causa
Q fonte evangélica *Quelle*
Q. Qumran e respetiva literatura
LXX versão grega dos Setenta
(Septuaginta)
v./vv. versículo/versículos
Vg. Vulgata de S. Jerónimo

PREFÁCIO

Comecei a trabalhar com o Professor Carreira das Neves há cerca de vinte anos. Tem sido muito vantajoso para mim por toda a aprendizagem científica numa área que me era bastante desconhecida. Decidi escrever porque penso que, ao fim de tanto caminho andado, ou direi, tantas palavras escritas, talvez seja interessante fazer um balanço.

O nosso trabalho foi, de início, difícil. Temos estilos e personalidades completamente diferentes. Nem sempre concordamos, mas conseguimos um entendimento benéfico para a prossecução dos objetivos maiores — levar a Palavra em forma escorreita e compreensível aos leitores.

Sobre a pessoa do Padre Carreira das Neves vou referir apenas aquilo que, como amiga e colaboradora, me parece interessante para o público. Gostaria de recordar um ano especialmente forte na vida daquele que é um dos mais distintos biblistas da Europa. O ano de 2006.

O diretor do *Expresso*, à época, Henrique Monteiro, apresentou um projeto inovador, entre nós, publicar cadernos sobre a Bíblia. Consistia este projeto «Bíblia, O Livro dos livros» em lançar mensalmente um volume para que os leitores daquele semanário tivessem acesso, não só aos textos, mas também a algum aparato crítico e comentários. Convidaram o Professor Carreira das Neves para este trabalho. Foi em 2006 que doze livros, um em cada mês, surgiram. E foi um sucesso para crentes e não crentes.

No mesmo ano, em setembro, Valência, Espanha, Carreira das Neves foi homenageado pela Associação Bíblica Espanhola (ABE), no decorrer do congresso anual daquela Associação. No discurso proferido pelo biblista da Universidade de Valência, Vicente Collado Bertomeu, foi reconhecida a qualidade humana, o conhecimento e o trabalho notável de investigação séria da Bíblia. O professor Collado referiu ainda os livros e artigos que o homenageado publicara. Foi uma homenagem muito bonita e sentida.

Se podemos dizer de alguém que é um espírito forte, isso torna-se completamente evidente neste homem de Deus. As suas fragilidades físicas podem debilitar-lhe os movimentos, a audição, a visão, mas o espírito gigantesco que o anima eleva-o acima de toda a fraqueza, convertendo-a em força anímica, em poder de continuar o seu grande diálogo com as pessoas. Porque este homem ama as pessoas e acredita nelas.

Aprecia as coisas simples e a vida como se lhe oferece, como oferta divina *«É só abrir a porta do meu quarto que dá para o jardim, descer os dez degraus, agarrado à bengala, e respirar fundo. [...] Caminho, pois, com as árvores, as plantas, os pássaros e o céu aberto, os vivos e os mortos. É o meu Éden, objeto de fruição, beleza exterior e interior. Por toda a parte, em cada recanto, faça sol ou faça chuva, sou invadido pela energia vital da mãe Natureza [...]»*.

Continua a escrever porque não pode deixar de fazê-lo *«É esta a minha missão entre milhares de outros biblistas.[...] Tudo é pergunta a pedir resposta.»* E o professor procura respostas, como missão, em cada dia, com a força que lhe vem de Deus.

Neste livro afirma que, por exemplo:

«A fé monoteísta judaico-cristã não é uma ciência, mas uma esperança.»

«É preciso afirmar que o Deus da Bíblia, como o Deus do Alcorão, no céu, não fala nem hebraico, nem aramaico, grego ou árabe. Deus não usa nenhuma destas gramáticas humanas. Nem nunca falou, desta maneira, a humanos, sejam eles Moisés, profetas ou Jesus. Trata-se de “modos humanos” emprestarem a Deus as suas gramáticas. Trata-se de teomorfismos. Infalível é a mensagem, embora sempre sujeita à mudança, e não o literalismo.»

Alerta-nos para perigos que existem aqui e agora com uma premência verdadeiramente chocante, mas infelizmente reais:

«O literalismo bíblico e corânico torna-se fanatismo religioso e político. E não há nada de mais terrível que o fanatismo religioso.»

Este livro é a resposta para as muitas questões propostas em encontros de grupos de casais, de amigos e reuniões de pessoas interessadas em ler a Bíblia hoje. E, também, perceber de que forma este Livro dos livros surge, qual a sua verdade e objetivos. Quem são os seus autores e a que público se destina.

«Os nossos interesses modernos, com livros, bibliotecas, livrarias, crónicas de história nacional, são interesses de racionalidade e verdade

históricas. Mas a verdade bíblica tem por objeto a existência do Deus único e a história bíblica confunde-se, pois, com esse objetivo. Por isso, a literatura canônica descobre-se no claro-escuro da fé de patriarcas, Moisés, profetas, salmistas, reis, santos e pecadores, monoteístas e politeístas. A Bíblia é, então, e há que repeti-lo continuamente, um grande Livro de livros escrito por autores anônimos. Não nasce na pena dos autores, mas na pena da fé de um povo ao longo de anos e séculos.»

Há que ver, em primeiro lugar, que o texto bíblico não apareceu porque Deus «resolveu» ditá-lo a alguém, mas porque a fé do monoteísmo o foi construindo por inspiração divina. Primeiro oralmente, como todas as histórias primitivas, consoante as vivências e a geografia dos povos. A transmissão oral remonta a muito longe no tempo. Só há três mil anos se começaram a fixar em texto essas histórias. Portanto, primeiro vem a fé monoteísta, com Abraão, e só muito mais tarde essa fé se verte em palavra escrita para que o povo não esqueça que há um Deus que o guia e protege. Desde sempre e para sempre. E Jesus Cristo, Seu Filho, escândalo de vida e verdade, que veio para todos na cruz da salvação.

«É natural que Paulo, ao escrever as suas cartas, nunca tenha pensado que estava a escrever os primeiros “escritos” do cânone do NT.»

«Mas é o autor da segunda Carta a Timóteo quem mais exalta a “canonicidade” das Escrituras em função da verdade da fé:

“Tu, porém, permanece firme naquilo que aprendeste e de que adquiriste a certeza, bem ciente de quem o aprendeste. Desde a infância conheces a Sagrada Escritura, que te pode instruir, em ordem à salvação pela fé em Cristo Jesus. De facto, toda a Escritura é inspirada por Deus e adequada para ensinar, refutar, corrigir e educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e esteja preparado para toda a obra boa.” (2Tm 3, 14-17)»

Desde sempre existiram diferenças entre os monoteísmos — Judaísmo, Cristianismo, Islamismo —, e, ao que parece, são diferenças inultrapassáveis que remontam ao princípio de tudo. Séculos e séculos de desavenças. Mas os homens não aprendem nada? Estamos no século XXI, muitas conquistas na ciência, na tecnologia, nos direitos humanos. E a humanidade não tem paz dentro de si.

«Ficamos, então, entendidos acerca das andanças do texto do AT. Foram muitos séculos de história religiosa transmitida por memória oral, de história escrita por autores desconhecidos, de tradução grega, de descobertas arqueológicas, de guerras religiosas e políticas, e,

finalmente, de tábua de salvação para a identidade judaica desde o ano 70 d. C. até aos nossos dias. Nada foi pacífico.»

«Uma vez que as Escrituras cristãs acontecem na língua grega, os rabinos judeus opõem-se aos cristãos com o princípio “divino” da língua hebraica: só os livros escritos em hebraico podem ser Bíblia sagrada, como, já o dissemos em relação aos escritos islâmicos, só o Corão, escrito por Deus em árabe ab aeterno, é o verdadeiro livro revelado. Se compreendermos a história das circunstâncias, judeus, cristãos e muçulmanos, não bulharíamos sobre os fundamentos bíblicos das três religiões monoteístas. Foi a história que assim o determinou.»

Lendo este livro do Professor Carreira das Neves, deparamo-nos com ideias, problemas, literaturas diversas. Entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, acontecem séculos de pensamentos, filosofias, estilos de ver e ser. Encontramos lendas como a da tradução dos Setenta em Alexandria, atribuída a um milagre do Espírito Santo, descoberta em Qumran; os Massoréticos que pretendem não apenas traduzir, mas também interpretar o texto; os Gnósticos que têm uma forma muito própria e, por vezes, estranha de interpretar as escrituras; os textos Apócrifos que têm alguma verdade e contam histórias sobre o que não aparece nos escritos canónicos; e até encontramos o Cânone do AT e o Cânone do NT...

Os quatro mil anos de fé, desde Abraão até à morte de Jesus, mostram-nos, na sua história, muitas situações de rutura no seio da humanidade, como já referimos, contudo, o mistério da morte e ressurreição de Jesus Cristo, e a nossa própria ressurreição, são motivo de esperança para uma vida melhor. Com mais amor, mais generosidade, mais fé. Acreditemos. Afinal, *«O mundo está sempre por fazer»*, para usar a última frase deste livro.

Noémia Lopes
(Revisora Literária)
Fevereiro de 2016

ABERTURA

Por mor das circunstâncias da minha vida — oitenta e dois anos, falta de visão e debilidade nos movimentos —, deixei de conduzir o automóvel, de viajar, de fazer conferências... Estou confinado ao meu quarto no Seminário dos Franciscanos (OFM), no Largo da Luz, e ao esplêndido jardim do mesmo. É só abrir a porta do meu quarto que dá para o jardim, descer os dez degraus, agarrado à bengala, e respirar fundo. Vou ao encontro das galinhas, pintainhos, patos, pavões, araucárias, pinheiros, canas de bambu, plátano, rosas, buganvílias a vestirem os cotos de palmeiras desfalecidas, batatas, cenouras, saladas, couves, figueiras, nespereiras, videiras... É um pequeno arregaço de terra cheio de vida, odores, energia vital, terrena e cósmica. Fecho os olhos diante da estátua de São Francisco de Assis e rezo, na presença do «Memorial», que contém as ânforas com as cinzas funerárias dos irmãos franciscanos falecidos. Rezo com eles sobre o mistério da vida e da morte. Caminho, pois, com as árvores, as plantas, os pássaros e o céu aberto, os vivos e os mortos. É o meu Éden, objeto de fruição, beleza exterior e interior. Por toda a parte, em cada recanto, faça sol ou faça chuva, sou invadido pela energia vital da mãe Natureza e pelo mistério daquelas cinzas. Comungo com a voz da Criação de milhões de anos e com a voz da Revelação do AT e NT apenas com quatro mil anos. Medito sobre o homem, mistério fundido e ensimesmado no mistério do Universo: vim dum ventre materno, vivo no ventre materno da Natureza, ouço as epifanias desta gramática universal.

Como não viajo o suficiente por não poder conduzir, os meus familiares de Lisboa e os meus amigos vêm ter comigo para viajar com eles. E são tantos os amigos! Muitos tratam-me carinhosamente por «Tio», por isso, pedem: — Tio, por favor, venha jantar connosco e com mais alguns casais amigos para nos explicar a Bíblia. — E lá vou eu...

Destino meu — de Deus? Sou biblista desde que fui ordenado sacerdote na Igreja Católica. E que significa ser biblista? Significa que os meus superiores franciscanos decidiram por mim: vais estudar para Roma e para Israel e, depois, vais ser professor de ciências bíblicas. E o que é que significa ser professor de ciências bíblicas? Significa que devo conhecer o hebraico, aramaico, grego bíblico, culturas do Próximo e Médio Oriente — Egito, Mesopotâmia (Assíria), Pérsia, Grécia, Roma, — exegese bíblica, teologia bíblica. Significa que devo conhecer o que há a conhecer sobre a Bíblia judaica (Antigo Testamento) e a Bíblia cristã (Novo Testamento). Trata-se, então, de setenta e três livros (73), quarenta e seis (46) do AT e vinte e sete (27) do NT. Se há centenas de pessoas a estudar Homero, Camões, Cervantes, Shakespeare, Dante, muitas mais haverá a estudar a Bíblia como literatura e fonte das três grandes religiões: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. O Ocidente é um fruto da Bíblia.

O leitor, crente ou não crente em Deus, perguntar-se-á: como explicar que haja, então, ao longo da história, muitos judaísmos, muitos cristianismos e muitos islamismos? Como explicar as «bulhas» de judeus contra cristãos e islâmicos e vice-versa? Como explicar as guerras de monoteístas contra politeístas, de Hitler contra judeus sem pátria, ou, atualmente, de judeus (israelitas) contra palestinianos muçulmanos? O «biblista» estuda para poder responder a todas estas questões. Não se trata de questões esotéricas, especulativas, ultrapassadas, mas presentes na história desde o patriarca Abraão (séc. XVIII a. C.), passando por Moisés, David, Salomão, cisma do reinado judaico do Norte, com as suas dez tribos, contra o do Sul, com as suas duas tribos, exílio para a Babilónia (séc. VI a. C.), regresso da Babilónia, sujeição dos judeus aos persas, depois aos gregos e, finalmente, aos romanos. Este «finalmente» conjuga-se com a história do aparecimento de Jesus de Nazaré e com a guerra do romano Tito contra os zelotas judeus, no ano 70 d. C., e consequente destruição da cidade de Jerusalém. A cidade desapareceu. Só ficou o «muro das Lamentações» como memória histórica. Mas nem os judeus, nem o Judaísmo desapareceram. Continuaram a ser o «povo de Deus», o «povo eleito» mesmo sem pátria, terra e nação. Foi a Bíblia judaica que os salvou e lhes deu continuidade. Andaram errantes durante vinte séculos, seis milhões foram sacrificados, por ordem de Hitler, no Holocausto nazi. Passou o Holocausto ignóbil, indecifrável, mas os judeus continuaram, sempre na dependência da

Bíblia. Finalmente, em 1948, muitos regressaram a Israel, refizeram o seu Estado e nação, sempre na dependência da Bíblia. Significa isto que a palavra da BÍBLIA, fruto de quarenta e seis (46) livros, é mais forte do que os exércitos cristãos, muçulmanos e nazis? Significa isto que Israel, «povo eleito», ventre materno do monoteísmo, durará o tempo que durar a História? O biblista estuda para responder o que há a responder no *hic et nunc* (aqui e agora) da história. É esta a minha missão entre milhares de outros biblistas. É esta a minha história. Procurar explicar a Bíblia entre um prato de peixe ou carne e um copo de vinho em casa de amigos cristãos, crentes e não crentes. Tudo é caminho, demanda, desejo de justiça e paz, de amor e verdade. Tudo é pergunta a pedir resposta. Deus existe? E, se existe, como é Ele? É um triturador de consciências como dizia, pateticamente, o grande Nietzsche? Ou não será simplesmente o fruto duma neurose como defendia Freud? Ou o fruto de um capitalismo a precisar de um apoio «divino» à maneira de Karl Marx? O biblista também deve estar preparado para estes desafios, aparentemente externos à Bíblia, mas internos à história judaico-cristã dos nossos tempos.

Neste livro, vou procurar responder a algumas das questões sobre a Bíblia, que me têm sido colocadas, ao longo do tempo.

Pe. J. Carreira das Neves